



***EXPLORANDO A HOMOFOBIA EM “O SEGREDO DE BROKEBACK
MOUNTAIN”: UMA ANÁLISE QUEER SOB A LUZ DA REALIDADE
BRASILEIRA***

***EXPLORANDO LA HOMOFOBIA EN “BROKEBACK MOUNTAIN”: UN
ANÁLISIS QUEER A LA LUZ DE LA REALIDAD BRASILEÑA***

***EXPLORING HOMOPHOBIA IN “BROKEBACK MOUNTAIN”: A QUEER
ANALYSIS IN THE LIGHT OF BRAZILIAN REALITY***

Tomé Fernandes Caitano¹

Danielle Gonzaga de Brito²

Agostinho Filho da Silva Lima³

Noah Gabriel Dantas da Silva⁴

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma análise crítica, verticalizada pela Teoria Queer, sobre a representação da homofobia na obra “O segredo de Brokeback Mountain”, contrastando a problemática presente no conto com a atual situação dos homossexuais no Brasil. A metodologia desta é de cunho bibliográfico analítico e consiste fazer um breve levantamento histórico sobre a homossexualidade, em seguida, extrair trechos da obra citada, nos quais são demonstrados os impactos causados pelo preconceito na vida dos personagens e analisá-los pelo viés da Teoria Queer. A pesquisa baseou-se no livro “Notícias de Homofobia no Brasil”, e dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga organização não governamental no Brasil, voltada para a defesa dos direitos LGBTQIAPN+. Em suma, este estudo nos revela que obras literárias que tratam destas temáticas podem e devem ser utilizadas como instrumento de denúncia ao preconceito, pois, leva os leitores a refletirem sobre determinadas problemáticas sociais.

¹ Especialista em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa. Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Eirunepé, Amazonas, Brasil.

² Mestre em Letras. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Humaitá, Amazonas, Brasil.

³ Graduado em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Lábrea, Amazonas, Brasil.

⁴ Mestre em Matemática. Universidade Federal do Acre (UFAC). Eirunepé, Amazonas, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia. Teoria Queer. homossexualidade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis crítico, verticalizado por la Teoría Queer, sobre la representación de la homofobia en la obra “Brokeback Mountain”, contrastando los problemas presentes en la historia con la situación actual de los homosexuales en Brasil. La metodología de la misma es de carácter bibliográfico analítico y consiste en realizar un breve recorrido histórico sobre la homosexualidad, para luego extraer extractos de la citada obra, en los que se demuestran los impactos que causan los prejuicios en la vida de los personajes y analizarlos desde la perspectiva Perspectiva de la Teoría Queer. La investigación se basó en el libro “Notícias de Homofobia no Brasil”, y en datos del Grupo Gay da Bahia (GGB), la organización no gubernamental más antigua de Brasil, enfocada en la defensa de los derechos LGBTQIAPN+. En definitiva, este estudio revela que las obras literarias que abordan estos temas pueden y deben utilizarse como instrumento para denunciar los prejuicios, ya que llevan a los lectores a reflexionar sobre determinadas cuestiones sociales.

PALABRAS-CLAVE: Homofobia. Teoría Queer. Homosexualidad.

ABSTRACT

This article aims to present a critical analysis, verticalized by Queer Theory, on the representation of homophobia in the work “Brokeback Mountain”, contrasting the problems present in the story with the current situation of homosexuals in Brazil. The methodology of this is of an analytical bibliographic nature and consists of carrying out a brief historical survey on homosexuality, then extracting excerpts from the aforementioned work, in which the impacts caused by prejudice in the lives of the characters are demonstrated and analyzing them from the perspective of Queer Theory . The research was based on the book “Notícias de Homofobia no Brasil”, and data from the Grupo Gay da Bahia (GGB), the oldest non-governmental organization in Brazil, focused on defending LGBTQIAPN+ rights. In short, this study reveals that literary works that deal with these themes can and should be used as an instrument to denounce prejudice, as it leads readers to reflect on certain social issues.

KEYWORDS: Homophobia. Queer Theory. Homosexuality.

Introdução

Esta pesquisa inicia-se com o traçado do panorama histórico sobre a homossexualidade, como o preconceito sobre essa sexualidade surgiu e quais campos sociais contribuem para a propagação da homofobia. Esse tópico trará dados históricos que comprovam a existência da homossexualidade desde os tempos remotos, e tentará esclarecer de forma cronológica a disseminação da homofobia. Logo após essa contextualização histórica, será feita uma breve explanação sobre a Teoria Queer que surgiu na década de 90 com intuito de representar as minorias sexuais em sua diversidade

e multiplicidade, abarcando todos os tipos e concepções de sexualidade e identidades de gênero.

Com base nessa perspectiva teórica, este estudo busca destacar a relevância da conexão entre a representação da homofobia em narrativas literárias e a realidade enfrentada pela comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, contribuindo para os estudos Queer ao reforçar como as expressões artísticas podem evidenciar os desafios sociais e culturais relacionados à diversidade sexual e de gênero. Tal abordagem não apenas contextualiza a dimensão histórica da homofobia, mas também sublinha a importância da literatura como um espaço de resistência, análise crítica e promoção de empatia. Este enfoque amplia as discussões no campo acadêmico, demonstrando seu impacto tanto para a compreensão teórica quanto para a transformação social.

Após essa explicação, segue-se diretamente para uma análise que consistirá em extrair trechos do conto *O segredo de Brokeback Mountain* de Annie Proulx. Esses trechos foram selecionados com base em sua capacidade de ilustrar os impactos causados pela homofobia tanto na vida dos personagens quanto em sua conexão com o contexto brasileiro atual. A escolha foi feita considerando cenas que exemplificam conflitos internos relacionados à orientação sexual e as dificuldades externas enfrentadas em uma sociedade homofóbica. Este critério visa evidenciar paralelos claros entre a literatura e a realidade vivenciada pela comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil. A partir dessa análise, torna-se possível compreender como é a vida e a trajetória de pessoas que sofrem com essas angústias e aflições por estarem em constante conflito com sua própria orientação sexual. Além disso, a metodologia empregada busca destacar como essas narrativas oferecem um reflexo potente das experiências de exclusão e violência enfrentadas no Brasil contemporâneo, enriquecendo o debate acadêmico e social sobre o tema. Além desses conflitos internos, também se demonstra quais as dificuldades externas existentes e impregnadas nessa sociedade homofóbica em que vivemos.

O conto será analisado pelo viés da Teoria Queer, representada pelos teóricos: Annimarie Jagose (1996), Sara Salih (2017), Eve Sedgwick (2007), João Silva, Ederson Silveira e Leonard Costa (2016). Por fim, será feita uma contextualização com os dados reais que ocorrem no Brasil anualmente utilizando como referência a coletânea Notícias de Homofobia no Brasil (2014), organizada por Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira, e também o Grupo Gay da Bahia (GGB), uma ONG que tem como finalidade expor dados e notícias a respeito de crimes cometidos contra o público homossexual no Brasil, de modo a se comparar a violência explícita no conto com os dados de violência

que se espalham pelo país, elencando a necessidade de se denunciar, discutir e não minimizar a violência LGBTfóbica.

Panorama histórico da homossexualidade

A relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo sempre esteve presente na vida dos seres humanos, desde os primeiros habitantes existentes no mundo, porém, com o passar dos séculos, o modo como ela é compreendida pela sociedade ocidental sofre modificações, assim nos revelam os registros históricos presentes de cada época. Através de artefatos históricos, como escrituras, pinturas, utensílios eróticos, entre outros meios é confirmada a existência desses tipos de relações homoafetivas. Segundo Ivone Souza (2001, p. 112) “A homossexualidade estava presente tanto na Grécia, quanto no Império Romano e recebia o nome de pederastia. Termo esse utilizado para designar o relacionamento erótico entre um homem e um menino”. Desse modo, por volta do século V a.C. a pederastia era vista como um ato de honra para a família do jovem que praticava essa ação, pois tinha-se a ideia de que através dela, homens maduros e sábios poderiam “transferir” por meio das relações sexuais sua sabedoria e conhecimento aos rapazes.

Por volta do século IV a.C. as relações homoafetivas entre os homens também eram vistas como “normais” pelos soldados em guerra, como, por exemplo na cidade Estado Esparta, onde:

O amor entre dois homens não era visto como uma anomalia, ao contrário, era estimulado pelas forças militares, pois entendiam que um soldado homossexual, ao ir para guerra, lutaria com muito mais bravura do que um soldado heterossexual, tendo em vista que estaria lutando não só pelo seu povo, mas também pelo seu amado (Débora, Brandão, 2002, p. 32).

Neste sentido, apontamos que a homossexualidade nem sempre foi compreendida como anomalia, mas, pelo contrário, foi vista por muitos povos como um privilégio. Mas por que nos dias atuais tem-se tanto preconceito contra essa comunidade? A rejeição à homossexualidade surgiu primordialmente com a cristalização dos aparelhos ideológicos de Estado que, segundo Louis Althusser:

Os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela *ideologia*, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de

seleção, etc., não só os seus oficiantes, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (1970, p. 22).

Diante disso, criam-se instituições controladoras com o objetivo de interpelar a sociedade por meio de seus discursos ideológicos. Mas qual a relação dos Aparelhos Ideológicos de Estado com a homossexualidade? As instituições religiosas pregavam (e ainda pregam) ideologias que vão contra as ações realizadas pelos homossexuais. Para a igreja, o sexo deve ser visto apenas com objetivo da reprodução, e não como fonte de prazer, a exemplo disso, o livro de Levítico afirma “Não te deitarás com homens, como fazes com mulheres: é abominação” (NOVA BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 162). A Bíblia restringe o conceito de família como sendo constituída apenas por um casal heterossexual, ou seja, homem e mulher, este livro segundo os cristãos deve ser seguido para alcançar a salvação eterna. Neste sentido, iniciou-se a perseguição a esse público minoritário que não seguia as regras da escritura sagrada e eram vistos como pecadores.

Em meados do século XVII, a homossexualidade passou a ser caracterizada como anomalia, também pela sociedade, pois iniciou-se uma preocupação com o capitalismo que se expandia na época, como os homossexuais não poderiam gerar descendentes, conseqüentemente não haveria a quantidade de consumidores e produtores necessária para a circulação do capital. Com isso, ao longo dos séculos, a ideia de "anomalia" mencionada no contexto da homossexualidade remete aos conceitos de "normal" e "anormal" desenvolvidos por Michel Foucault (2014). Esses conceitos se relacionam com os mecanismos de normatização e normalização que, segundo Foucault (2014), a sociedade utiliza para delimitar comportamentos aceitos e reprimir aqueles considerados desviantes. O uso do termo "anomalia" é, muitas vezes, ancorado em discursos essencialistas e fundamentalistas, que reforçam a ideia de uma "naturalidade" ou "ordem" a ser seguida, marginalizando qualquer expressão que fuja desses padrões. A normatização, nesse sentido, não apenas define o que é aceitável ou condenável, mas também estabelece um controle sobre os corpos e as práticas das pessoas, conduzindo à repressão dos indivíduos que fogem à norma heterossexual, através de um aparato estatal e religioso fortemente interligado. Diante disso, nota-se que conceito de "anormalidade" não é neutro, mas sim um produto de relações de poder que buscam manter a ordem estabelecida e o controle social, enquanto reforça a crítica foucaultiana de que normas de comportamento são construções sociais voltadas para manter as situações existentes.

Neste período, Foucault ressalta que:

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou bestialidade. Tanto na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra a natureza” era marcado por uma abominação particular (2014, p. 42).

Então, essa comunidade começou a sofrer repressão não só da igreja, mas também do Estado, já que ambos estavam inteiramente interligados. Segundo Foucault “Prazer e poder não se anulam; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encandeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação” (2014, p. 54). A partir disso, a sexualidade passa a ser comercializada, ou seja, o prazer passa a ter o objetivo de gerar lucro para o Estado, e para potencializar a comercialização, este alia-se à igreja, já que ela tinha (tem) como principal ferramenta controladora, o medo.

No século XIX, enfraqueceu-se a ideia do pecado, e ser homossexual passou a ser encarado como uma doença patológica. Com o passar dos anos, surgiram vários cientistas decididos em encontrar a “cura gay”. Diante disso, criou-se a terapia por aversão, terapia de choque convulsivo, todavia, a que ficou mais conhecida no início do século XX, foi a solução cirúrgica, denominada lobotomia, que constituía a retirada de uma parte frontal do cérebro, responsável pelas emoções dos indivíduos. Sendo assim, ao passar pelo procedimento, acreditava-se que os pacientes perdiam esse desejo por pessoas do mesmo sexo. Esta ideia equivocada foi refutada, ainda no início do século XX, pois o que a cirurgia fazia era desorganizar as emoções dos indivíduos, e este se tornava quase inútil, pois tinha sua consciência desestabilizada (Eloísa Noronha, 2017).

Em meados do século XX, movimentos surgiram com o objetivo do reconhecimento dos homossexuais como seres humanos “normais”. A Teoria Queer, conforme destacada por Annmarie Jagose (1996), vai além da luta pelo reconhecimento de identidades fixas e categóricas. Sendo uma teoria pós-identitária, ela questiona as normas sexuais e de gênero, reconhecendo que identidades e diferenças não são inatas, mas sim construídas histórica e socioculturalmente por meio de discursos impregnados de relações de poder e saber. Nesse sentido, a Teoria Queer desafia as classificações rígidas e problematiza os padrões de normalidade estabelecidos, mostrando como a sociedade define e controla o que é considerado “aceitável” ou “desviante.” Essas normas, muitas vezes reproduzidas pela heteronormatividade, moldam o entendimento do que

significa ser "normal" ou "anormal," influenciando práticas e relações e impondo limitações sobre as expressões de gênero e sexualidade.

Annmarie Jagose (1996) relata em sua obra *Uma introdução à Teoria Queer*, que um dos primeiros movimentos LGBTQIAPN+ realizou-se no dia 28 de junho de 1969 em um bar chamado *Stonewall Inn*, nos Estados Unidos. Nessa época, não ser heterossexual nesse país, e em muitos outros, era considerado crime. *Stonewall* atendia seus clientes sem discriminação e sem distinção, desse modo, quem frequentava esse lugar eram os gays, lésbicas, travestis, transexuais, prostitutas, entre diversas outras pessoas que eram vistas como "anormais" pela sociedade da época. Esse bar funcionava de maneira clandestina, pois não tinha licença para vendas de bebida alcoólica, visto que, essa prática, neste período, era proibida. Porém, os donos do local pagavam propina à polícia da região para poder comercializar bebidas alcólicas no recinto. Para a infelicidade das pessoas que frequentavam o espaço, e para os donos, policiais de outra região, que não estavam subordinados à propina, fizeram uma fiscalização no local e se depararam com pessoas que tanto rejeitavam e começaram a prender quem estava travestido, ou seja, quem estava vestido de maneira "inadequada" no ponto de vista da heteronormatividade.

A autora Jagose (1996) ainda discorre sobre esse marco histórico, descrevendo o momento em que gays, travestis, lésbicas, e *drag queens* afrontaram policiais que os rejeitavam, e iniciaram uma revolta que daria base para o movimento pelos direitos LGBTQIAPN+ não só nos Estados Unidos, mas em grande parte do mundo. Este movimento tão marcante principalmente para os LGBTQIAPN+ ficou conhecido como *Stonewall Riot* (Rebelião de Stonewall), que se estendeu por seis dias e foi uma resposta às ações massacrantes da polícia, que frequentemente realizavam batidas e revistas humilhantes em bares gays de Nova Iorque. Por este motivo, o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+ é comemorado nesta mesma data, 28 de junho.

Além desses movimentos externos, em território nacional também houve grande repercussão, como por exemplo, a origem do primeiro Jornal voltado para a temática homossexual *O Lâmpião da Esquina*, que foi criado em 1978 e tinha como finalidade se opor à ditadura militar da época e denunciar abusos cometidos contra a comunidade LGBTQIAPN+. Esse jornal foi de suma importância, pois através dele, possibilitou-se a criação de novos meios de mídia LGBTQIAPN+, sendo um deles o *Jornal Chanacomchana*, criado em 1979, que inicialmente passou a ser vendido em bares frequentados por lésbicas, e sofreu bastante repressão por parte dos conservadores,

porém, em 1983, o jornal que foi transformado em boletim e repercutiu nacionalmente (André Fábio, 2017).

Em 1993, houve a retirada da homossexualidade da lista de doenças pela Organização Mundial da Saúde. A partir disso, há um avanço nas concepções sobre a homossexualidade como modo de vida e não como doença:

Em decorrência da não caracterização da homossexualidade como doença, o termo homossexualismo deixou de constar nos diagnósticos da CID-10, pois, o sufixo "ismo" que significa doença, foi substituído por "dade" que designa modo de ser. Segundo os médicos o homossexualismo não pode mais ser... sustentado enquanto diagnóstico médico. Isto porque os transtornos dos homossexuais realmente decorrem muito mais de sua discriminação e repressão social derivados do preconceito do seu desvio sexual. Desde 1991, a Anistia Internacional considera violação aos direitos humanos a proibição da homossexualidade (Amanda Medeiros, 2004, p. 01).

As conquistas continuaram, em 2011 o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união civil entre pessoas do mesmo sexo, e em 2013 foi permitido pelo Conselho Nacional de Justiça o casamento civil e também a conversão de uniões estáveis de duas pessoas do mesmo sexo em casamento civis. Além disso, há diversos movimentos em prol dessa comunidade, um exemplo é a chamada Parada Gay, que é considerada um dos maiores movimentos da capital paulista reunindo um público gigantesco. (Fábio, 2017)

É fato que houve muitas conquistas do público LGBTQIAPN+, todavia, a luta pelos direitos ainda está longe de cessar, a nossa sociedade ainda carrega uma ideologia enraizada que se opõe aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, e é exatamente por esse assunto ser muito debatido e discutido, que foi ganhando espaço na sociedade. Neste sentido, muitos autores começaram a pensar uma forma de posicionamento em relação a esse conteúdo, ou seja, a partir desses movimentos sociais é que vão surgir teorias que irão tratar sobre a questão de gênero e sexualidade, e uma delas é conhecida como Teoria Queer, teoria que será apresentada no tópico abaixo, juntamente com a análise do conto.

Análise e a Teoria Queer

A Teoria Queer é uma das mais contemporâneas e modernas que se dedica aos estudos de gênero, e iniciou-se no final dos anos 90 por vários pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos (Coutinho Miranda e Paulo Garcia, 2012). Essa teoria propõe o questionamento do que se entende sobre heteronormatividade, as noções do que é ser masculino ou feminino e da construção do

desejo. O termo “queer” era uma palavra pejorativa nos Estados Unidos e significava estranho, esquisito, anormal, mas, com o passar do tempo, as pessoas afetadas com essas injúrias resignificaram seu sentido, e passaram a utilizar esse termo como um grito de orgulho e, com isso, foram dando um novo significado a essa palavra, que passou a ter uma nomenclatura científica. Isso é enfatizado por Sara Salih “A expressão “queer” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição - por assim dizer - fácil” (2017, p. 19). Para a Teoria Queer, identidade de gênero ou sexual não se configura apenas pela essência biológica, isto é, pela associação com os órgãos sexuais biológicos e cromossomos XX e XY, como afirma Jagose: “Amplamente falando, Queer descreve esses gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual”. (1996, p. 03).

Em relação ao conto, verifica-se que a Teoria Queer consegue nos fornecer base teórica para o alcance do objetivo desta pesquisa, já que Ennis Del Mar e Jake Twist, os protagonistas, podem ser denominados como personagens queer, pois são dois homens com sentimentos homoafetivos, algo totalmente inaceitável naquele meio em que eles estavam inseridos. Os personagens demonstram características rústicas, principalmente Ennis Del Mar. Um homem sério, de poucas palavras, e que não demonstra fragilidade, talvez essa fosse uma maneira que ele encontrou de amenizar ou ocultar seus sentimentos, e para esse tipo de situação muitos usam a expressão “Esconder-se no armário”. Segundo Eve Sedgwick:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (2007, p. 22).

A autora retrata o “armário gay” como uma forma de ocultar os sentimentos, mesmo que o indivíduo tenha a sexualidade assumida, em alguns ambientes ele tem a concepção formada de que terá que se colocar no armário, pelo fato da ocasião não permitir. A autora retrata o “armário gay” como uma forma de ocultar os sentimentos, mesmo que o indivíduo tenha a sexualidade assumida; em alguns ambientes, ele constrói a percepção de que precisará se recolocar no “armário”, devido às imposições sociais do momento. É justamente nesse “armário” que Ennis está inserido, pois sua trajetória de

vida foi marcada pela homofobia. Segundo Daniel Borrillo (2010), a homofobia funciona como um sistema cultural que reforça a rejeição e o controle social sobre identidades e práticas sexuais dissidentes. O comportamento homofóbico do pai de Ennis, que fazia questão de demonstrar repugnância pelos homossexuais, é um reflexo dessa estrutura. Rogério Junqueira (2009) aponta que a homofobia sustenta hierarquias de gênero e sexualidade, e é nesse contexto que o histórico violento vivido por Ennis adquire um significado central, tornando-se um dos principais motivos pelos quais ele não se assumia. Além disso, Roger Raupp Rios (2018) destaca que a homofobia deve ser compreendida como uma violação de direitos fundamentais, o que ajuda a entender a profundidade das consequências dessa violência na vida de Ennis e em sua relação com a própria sexualidade, percebemos isso neste trecho do conto:

Não quero ser como esses caras que às vezes a gente vê por aí. Eu não quero morrer. Tinha aqueles dois velhos que moravam juntos lá na minha terra, Earl e Rich. Papai fazia um comentário quando via os dois. Eles eram uma piada apesar de serem velhos bem durões. Eu tinha uns nove anos quando encontraram Earl morto numa vala. Acertaram o bicho com uma chave de roda, ataçaram ele, arrastaram ele pelo pau até o dito cujo cair, só uma pasta de sangue, o que a chave de roda fez parecia pedaços de tomates queimados pelo corpo dele todo, o nariz arrancado de tanto arrastar no cascalho [...] Papai fez questão que eu visse isso (Annie Proulx, 1997, p. 37).

Nesta passagem, percebemos a angústia de Ennis ao falar sobre o assunto, o que fazia com que escondesse seu sentimento de afeto por pessoas do mesmo sexo, e no momento estava ocultando das outras pessoas seu afeto por Jack. O medo em assumir esse sentimento provinha principalmente do convívio familiar que Ennis teve no passado, pois só conseguia ver um casal homossexual como uma falta de respeito, perversidade, doença, entre outras características desprezíveis.

Ennis tinha medo do que sentia, ele era, de forma indireta, um homofóbico. A Teoria Queer explica que os discursos (de ódio ou não) são construídos ao longo da vida do ser humano, como afirma Salih “Nós, como sujeitos, não criamos ou causamos instituições, os discursos, e as práticas, mas eles nos criam ou causam” (2017, p. 21). Neste sentido, sabe-se que nosso primeiro contato, ao nascer, é com nossa família e amigos, sendo assim, somos condicionados à ideologia imposta por ela e pelo ambiente em que se situa.

Tomando por exemplo um bebê, este não sabe o que é ser um menino ou o que é ser uma menina. Mas, seus cuidadores vão ensiná-lo a se comportar socialmente como menino ou menina, vesti-lo de roupa da cor azul (cor determinada para meninos de acordo

com a sociedade atual) ou da cor rosa (cor determinada para meninas de acordo com a sociedade atual), todos esses aspectos são construídos socialmente e discursivamente. Esse é um ponto de partida para os Estudos Queer, pois a teoria tenta desconectar a biologia da sociedade, e questionar a essência masculina e a essência feminina, ou seja, “Teoria Queer empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘genericadas’” (Salih, 2017, p. 20). Pode-se perceber pelos estudos sobre o assunto que não existe algo que seja genético em termos de comportamentos para definir masculinidade e feminilidade, ou seja, essa ideologia que foi tomada como verdade absoluta, sobre a biologia determinar o comportamento social, nada mais é que uma construção da heterossexualidade compulsória, construída e consolidada pelos aparelhos ideológicos de Estados, que tem como discurso que o normal, o regular, o aceito e o saudável é ser hétero, e qualquer outra orientação sexual diferente da heterossexualidade é vista como barbaridade, como perversão ou até mesmo doença.

Foi o que aconteceu com Ennis, ele foi ensinado ao longo de sua vida a se comportar como ser masculino, ou seja, praticar atividades que eram impostas exclusivamente para este gênero, o que o faz pensar que se praticar qualquer outro ato que fuja desse padrão, é abominação, e essa masculinidade só se consolidaria se Ennis aprendesse a odiar e zombar dos homossexuais conforme lhe era ensinado.

Para a Teoria Queer, essa postura de Ennis em não se identificar com os sentimentos que foram impostos ao seu gênero é algo muito comum, pois a concepção da identidade de gênero e sexual, é também uma construção psicossocial, social e cultural, até porque o ser humano não é apenas um ser biológico, ele é um ser psicológico, social e cultural, e é necessário incluir todas essas dimensões para definir o que é a identidade sexual ou de gênero e no momento em que a ciência e a filosofia, gradativamente, incorporam todas essas variáveis na sua definição do que é o gênero masculino ou feminino, observa-se que não é mais possível reduzir esse conceito só à associação aos órgãos biológicos, até porque o próprio conceito de masculino, feminino, homem ou mulher é uma construção psicossocial.

Por conta dessas filosofias, é tão complexo debater sobre gêneros, pois “falar em identidade compreende um terreno arenoso e de turbulências teóricas, sobretudo a partir da inserção dos estudos culturais que subverteram a noção de rigidez do termo e dos sujeitos a ele relacionados”. (João Silva, Ederson Silveira e Leonard Costa, 2016 p. 148). Toda a ideologia que carregamos conosco é formada por um contexto cultural que

vivenciamos, o que inclui, entre outros aspectos, as construções sociais relacionadas ao gênero. Nesse sentido, a noção de “ideologia de gênero”, frequentemente usada de forma pejorativa ou reducionista, merece uma análise mais crítica. Na prática, a expressão não se refere a uma ideologia homogênea, mas ao reconhecimento de que o gênero é também uma construção social, e não apenas uma determinação biológica. Assim, rotular uma pessoa ou impor identidades com base em noções rígidas de gênero não é coerente quando levamos em consideração a heterogeneidade entre os seres humanos e os diferentes contextos culturais que moldam nossas vivências e percepções.

No conto, como já mencionado, a homofobia parte também dos próprios personagens, o que dificulta ainda mais o convívio entre eles. Eles não aceitavam este sentimento homoafetivo, como é possível identificar neste trecho em que Ennis diz “Não sou bicha” e Jack interveio com “Nem eu. Primeira e última vez. Não é da conta de ninguém a não ser da gente” (Proulx, 1997, p. 20). O meio social, no qual os personagens estavam inseridos, fazia com que eles tivessem essas ideologias, e sabe-se que esses preconceitos foram historicamente impostos pelos dispositivos de poder, como por exemplo, a igreja e o Estado, como já entendemos ao analisar os aparelhos ideológicos do estado, explicados por Althusser (1970).

Foucault dá bastante ênfase nestes dispositivos de controle quando escreve sobre a sexualidade em seu primeiro livro, *A vontade de saber* (2014), e afirma que até o início do século XVII a questão da sexualidade não seguia determinados padrões sociais como os vividos na contemporaneidade e, foi a partir dos séculos XVII, XVIII e XIX que se desenvolveram técnicas de controle sobre a sexualidade, criando padrões entre o aceitável e o excludente. Pode-se perceber isso em sua afirmação:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos "pavoneavam".

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de

sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (p. 08-09).

Foi a partir da imposição desses estereótipos na era Vitoriana, no século XVII, que foi consolidado o preconceito contra as pessoas que tinham uma orientação sexual distinta da heterossexualidade e, com isso, estes estereótipos foram encarados pela sociedade como corretos, aceitáveis, normais, e qualquer outra categoria de sexualidade ou comportamento que ameaçava esse sistema estava sujeito à punição. Diante disso, a humanidade evoluiu carregando consigo essas ideologias impregnadas, e é por isso que, nos dias atuais, ainda existe tanto preconceito relacionado às sexualidades que fogem desses padrões, diante disso, muitos homossexuais não se assumem por medo de sofrer retaliações, percebe-se essa insegurança no momento em que Ennis diz: “Não vamos poder estar perto um do outro de forma decente [...] Se fizermos isso lugar errado estamos mortos. Nesse não tem rédea. Me mijo de medo” (Proulx, 1997, p. 34-35). Assumir-se se torna desafiador, pois a partir do momento em que o sujeito atravessa essa fronteira entre ocultar seu sentimento e libertá-lo e vivê-lo intensamente, tudo o que está em sua volta se modifica, o modo como as pessoas te tratam, a forma como te olham e as idealizações que têm sobre você.

Essa questão da dificuldade em se assumir é enfatizada por Sedgwick, quando afirma que:

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade (Sedgwick, 2007 p. 38).

É por causa do medo de enfrentar essa sociedade tão preconceituosa que é tão comum pessoas esconderem seus sentimentos por longos períodos, ou até mesmo pela vida toda. Em alguns casos, muitos tornam-se hipócritas, optam pela vida dupla, ou seja, para a sociedade em que vivem mostram ser uma pessoa de preceitos morais, religiosos, e até mesmo matrimoniais. Mas, por trás dessa “máscara”, vivem relacionamentos inaceitáveis pela ideologia conservadora, isso acontece, pois, o sujeito rejeita seu próprio ser por ter aprendido a vida toda que isso era errado.

Atualmente, uma grande parcela da sociedade é interpelada pelo discurso religioso ou político, e isso faz com que se torne ainda mais difícil se apresentar como

parte da comunidade LGBTQIAPN+, pois a discriminação é constante. Além dos próprios personagens apresentarem discursos homofóbicos, é possível perceber que o meio social no qual eles estavam inseridos corroborou de forma significativa nesse processo discriminatório. Neste sentido, é perceptível como os discursos homofóbicos são diretamente repassados de geração para geração, como é o exemplo do pai de Ennis que jamais aceitaria um filho homossexual. Indubitavelmente, esse pai de família apenas reproduziu o discurso preconceituoso que também lhe foi repassado.

A Teoria Queer contraria e questiona a heteronormatividade, que é uma palavra usada para representar situações nas quais orientações sexuais distintas da heterossexual são vistas como um desvio, seja pelas crenças religiosas ou políticas. Para a heteronormatividade, existem apenas duas categorias distintas: macho e fêmea, e relações sexuais são normais somente entre estas duas categorias, ou seja, as relações devem ser realizadas apenas entre pessoas de sexo diferente, enquanto os outros sujeitos que não se encaixam nesse padrão são potencialmente alvos de ataques, sejam físicos, verbais, morais entre outras formas de preconceito, assim afirma Oliveira (2014) “A experiência de constituir-se fora da heteronormatividade é marcada pela subalternidade, pois emerge em um campo de hostilidades, de discriminações, de violência física, de inferiorizações diversas” (p. 09). Identifica-se esse medo e insegurança no conto, pois os personagens se isolavam socialmente para estarem juntos, Ennis pretendia continuar vivendo assim, quando afirma “Só consigo ver a gente se encontrando de vez em quando num fim de mundo” (Proulx, 1997, p. 38). Esse fato se tornou um obstáculo na vida desses personagens, principalmente para Jack que ao longo do tempo se mostrou mais flexível e desafiador, chegando a propor uma vida a dois:

Olha só, estou pensando se a gente tivesse uma fazendinha juntos, um negociinho de criação de gado, seus cavalos, seria uma vida gostosa. Como eu disse, vou largar os rodeios. Não sou de fazer fita para não montar, mas também não tenho grana para montar nesta baixa em que eu estou e não tenho ossos para continuar me quebrando. Imaginei isso, tenho um plano, Ennis, como a gente pode fazer isso, você e eu. (Proulx, 1997, p. 36).

Enquanto Jack quer lutar contra esses obstáculos e expõe sua vontade em estar ao lado do amado, Ennis mostra resistência, pois tem inteira convicção de que não serão bem vistos. E, infelizmente, esse medo que Ennis demonstra é compreensível, pois

No cerne do tratamento discriminatório está a homofobia, fundada num modelo de hierarquização entre heterossexualidade e homossexualidade, segundo o qual a norma é direcionar o desejo e/ou as condutas sexuais para uma pessoa do sexo oposto. O que estiver em

desacordo com essa matriz heterossexista (caso da homossexualidade) é alvo de medo e desencadeia restrição de direitos (Souza, 2001, p. 16).

Ao longo do texto, a homofobia, de certo modo, não se restringe apenas em limitar a vida e as atitudes desses personagens. O clímax deste conto nos direciona a uma suposição de homofobia que é marcada pela morte de um dos personagens. Ennis fica sabendo da morte de Jack por telefone:

Jack estava enchendo um pneu no caminhão numa estrada secundária quando o pneu explodiu. O rebordo estava danificado não se sabe com e, com a força da explosão, o aro voou na cara dele quebrando-lhe o nariz e a mandíbula, deixando o inconsciente, caído de costas. Quando apareceu alguém ele já tinha se afogado com o próprio sangue. (Proulx, 1997, p. 56)

Mesmo diante da notícia contada pela moça como um acidente, Ennis no mesmo instante pensa “Não [...] pegaram ele com a chave de roda” (Proulx, 1997, p. 56). Isso leva o leitor a deduzir que Jack foi morto, vítima de homofobia, já que, era bem mais desafiador e corajoso em demonstrar o que sentia. A chave de roda, neste contexto, simboliza muito mais que uma simples ferramenta, mas representa a punição aos que “escolhem” esse caminho da “perversidade”, pois como vimos anteriormente, o pai de Ennis fez questão que ele visse um homossexual espancado e morto por uma chave de roda. Esse trauma ficou tão marcado na memória de Ennis que o impediu de viver ao lado do seu grande amor, e agora esse mesmo assombramento do passado, ou seja, essa mesma chave de roda, havia tirado a vida de quem ele mais amava.

A cena da morte de Jack não está explícita no conto, isso demonstra como os crimes de homofobia são silenciados ou muitas vezes são enquadrados como outros tipos de crimes ou até mesmo acidente e, segundo Malu Fontes, em grande parte dos casos “Os agressores homofóbicos aparecem como sujeitos ausentes, sob a rubrica de desconhecidos, pessoas sobre cuja identidade ou paradeiro a polícia não tem pistas” (2014, p. 33). Neste sentido, nota-se a intencionalidade da trama, ao não explicitar a cena da morte de Jack, que é exatamente esse silenciamento quando se trata sobre crimes homofóbicos. Para Oliveira (2014), “A violência física é um modo de efetivar a conformidade pela destruição do outro ou pelas marcas impressas no corpo, pela dor e pelo medo”. (p. 09).

Diante de tudo isso, a morte de Jack representa as consequências que a homofobia pode ocasionar. Esse triste fim não acontece só em histórias, filmes, novelas, contos e outros gêneros fictícios. Infelizmente, isso ocorre também em nossa realidade, a

sociedade em que vivemos ainda é constantemente marcada pelo preconceito. Quantos Ennis e Jacks existem pelo mundo? Quantas pessoas deixam de ser felizes por medo de sofrerem preconceito? Quantas pessoas são vítimas de homofobia todos os dias, seja por agressão física, verbal ou até mesmo moral?

É partindo desse princípio que na próxima seção iremos abordar sobre casos reais de homofobia que aconteceram e continuam acontecendo no Brasil, visto que, a Teoria Queer, ao desconstruir as normatividades impostas pelas estruturas sociais e culturais, oferece um referencial teórico que permite compreender como as relações de gênero e sexualidade são moldadas por dispositivos de poder e controle. Essa abordagem se mostra especialmente relevante para analisar como narrativas literárias dialogam com contextos sociais reais, revelando as formas de exclusão, resistência e violência presentes em diferentes épocas e espaços. A fundamentação teórica proporciona ferramentas para explorar como a literatura pode refletir e denunciar questões como a homofobia, traçando paralelos entre as vivências ficcionais e os dados alarmantes dessa violência na realidade brasileira. Essa perspectiva enriquecerá a análise que segue, evidenciando como os discursos e práticas sociais continuam a perpetuar desigualdades e opressões no contexto contemporâneo.

Homofobia no Brasil

Não é preciso ir muito longe para nos depararmos com casos homofóbicos. Dentro do nosso país, diversas sexualidades que não são aceitas pela heteronormatividade, são vítimas deste ato cruel. Com o intuito de anunciar esses casos que muitas vezes são ocultados, foi criada a coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil* publicada em 2014, pela editora Letras Livres, organizada por Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira. A obra contém notícias jornalísticas, e a partir destas, são analisados dados do Observatório sobre Direitos Sexuais nas Mídias Brasileiras, que monitorou diariamente mais de 600 veículos noticiosos (jornais, revistas, portais, sites e blogs), em plataformas impressas e digitais, entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Foram analisadas 6.467 notícias. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, por meio do Convênio n. 775969/2012 e o projeto foi executado pela Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. (Débora Diniz e Rosana Oliveira, 2014).

Além da obra citada acima, é importante destacar que também existem organizações que abordam esses assuntos no Brasil, como, por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB), que é uma ONG que tem como finalidade expor dados e notícias a respeito do público LGBTQIAPN+ no Brasil, além dessa exposição, o grupo é voltado para a defesa dos direitos desta comunidade. Esta organização foi fundada por Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1980, e é considerada a mais renomada associação brasileira de defesa dos gays, sua sede está situada em Salvador, no Pelourinho. A organização tem como finalidade lutar contra a homofobia, informar sobre a homossexualidade e sobre os direitos LGBTQIAPN+. (O QUE É O GGB, online, 2019). A tabela a seguir, elaborada pelo GGB, apresenta o número de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ por estado, no ano de 2023, ilustrando como a homofobia se manifesta de maneira alarmante em diferentes regiões do país.

Tabela 1: Mortes violentas de LGBTQIAPN+ por estado

Ordem	Estado	Quantidade	%
1	SP	34	13,23
2	MG	30	11,67
3	RJ	28	10,9
4	BA	22	8,56
5	CE	21	8,17
6	PR	17	6,61
7	AL	13	5,05
8	AM	12	4,57
9	PA	9	3,5
10	PE	9	3,5
11	MT	8	3,11
12	PB	8	3,11
13	ES	7	2,72
14	MS	7	2,72
15	GO	5	1,94
16	MA	5	1,94
17	PI	5	1,94
18	RS	4	1,55
19	RO	3	1,17
20	SC	3	1,17
21	AP	2	0,77
22	AC	1	0,4
23	DF	1	0,4
24	TO	1	0,4
TOTAL-		257	99,2%

Fonte: <https://grupogaydabahia.com.br/>

Os dados apresentados acima, refletem uma realidade alarmante sobre a violência que afeta a população LGBTQIAPN+ no Brasil. A recorrência de mortes violentas evidencia não apenas um cenário de discriminação estrutural, mas também a normalização de comportamentos que negam direitos fundamentais como o de existir em segurança. A violência contra essa população não é apenas física, mas simbólica e psicológica, perpetuando exclusões e alimentando o medo de se expressar livremente.

Esse panorama ressalta a urgência de discutir a homofobia de maneira ampla e crítica, não apenas como um problema individual, mas como uma questão social que impacta profundamente as vidas das pessoas LGBTQIAPN+. O debate é essencial para desnaturalizar preconceitos, desconstruir discursos de ódio e questionar as estruturas que sustentam tais práticas violentas. Além disso, é necessário dar visibilidade às vítimas, que muitas vezes são silenciadas tanto em vida quanto após suas mortes. Mais do que números, esses dados representam vidas marcadas por um contexto de exclusão e violência que precisa ser urgentemente combatido. O debate sobre o tema é uma ferramenta indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Tendo como referência a obra *Notícias de Homofobia no Brasil (2014)*, percebe-se casos recorrentes no país, semelhantes ao assassinato do personagem Jack Twist do conto, como por exemplo, a notícia abaixo:

Foi encontrado nesta quarta-feira (23), às margens da BR-060, região do município de Camapuã, o corpo de um transexual de 19 anos, morto a facadas. A vítima foi encontrada “de quatro”, apresentando perfurações no peito e um corte profundo no pescoço. No local também havia indícios de uma possível luta corporal. O autor ainda não foi localizado, mas a polícia já identificou um suspeito e trabalha na tentativa de encontrá-lo. Na bolsa do transexual havia um bilhete de passagem indicando que a vítima embarcou em Glória de Dourados, na terça-feira com destino à cidade onde foi morta. A família dele reside em Vicentina (Fontes, 2014, p. 34-35).

O único fator que distingue a morte de Jack Twist da notícia acima é que esta última não aconteceu em uma história ou em um conto, mas sim na nossa realidade, o que para muitos ainda é irrelevante. Mas é preciso olhar para esses casos, falar, discutir e debater sobre o assunto, pois são fatos como esses que aterrorizam todos os dias as vidas de pessoas que têm orientação sexual distinta da heterossexualidade.

Vale ressaltar que essa notícia é apenas uma de centenas de casos que ocorrem anualmente no Brasil, no qual pessoas são espancadas e até mesmo mortas por demonstrar

seus sentimentos e emoções de maneira diferente da heterossexualidade. Vale lembrar que 52% dos homicídios contra os LGBTQIAPN+ do mundo ocorrem no Brasil, ou seja, este é o país campeão mundial desse genocídio, como já foi explanado anteriormente. (HOMOFOBIA..., online, 2019).

Esses dados e notícias não são “criados” pelos veículos noticiários para dar crédito ou vitimizar o público LGBTQIAPN+, eles realmente acontecem e são provas concretas de que a sociedade brasileira ainda carrega consigo uma mentalidade ultrapassada, na qual os indivíduos devem se adequar aos modos e preceitos que esta impõe. Os agressores quase nunca são identificados, mas através dos atos bárbaros cometidos, é possível perceber que eles tentam passar uma mensagem, deixando claro o quanto é repudiada essa forma de sexualidade, como afirma Diniz “Os sobreviventes da violência homofóbica foram vítimas do poder normalizador que avança pelos corpos para discipliná-los” (2014, p.71). Os agressores tentam silenciar ou amedrontar de alguma forma o público LGBTQIAPN+, por meio da materialização do discurso do ódio que causa danos muitas vezes irreparáveis nas vítimas, seja ato físico ou verbal, como aconteceu no assassinato citado acima.

Muitos podem se questionar, se estas agressões realmente aconteceram ou acontecem por conta da homofobia. Ao analisar os depoimentos de testemunhas, de homofóbicos assumidos ou até mesmo da própria vítima (quando sobrevive), é possível perceber que, o modo de ser e de se comportar, como por exemplo, os trejeitos e principalmente as ações homoafetivas (beijar, abraçar, acariciar-se, entre outras formas de demonstrar afeto) causam uma repugnância aos homofóbicos, que muitas vezes torna-se explícita aos olhos de quem os rodeiam, o que deixa claro que certos crimes são verdadeiramente causados por conta dessa não aceitação da sexualidade alheia, intolerância fruto dos padrões impostos pelos aparelhos ideológicos de estado, como já foi mencionado anteriormente. Vejamos abaixo o relato de uma vítima que sobreviveu ao espancamento realizado por homofóbicos.

Meus amigos tentaram me acompanhar, mas foram barrados no caixa. Do lado de fora da casa dois seguranças me arrastaram para um jardinzinho na lateral da boate. Eu ainda estava preso pelo pescoço com a cabeça abaixada quando levei a primeira joelhada no rosto. Tentei tampar a cara, mas não consegui. Eles só queriam bater no meu rosto, eram socos e joelhadas. Eles gritavam “viadinho de merda” (Diniz, 2014, p. 68-69).

Ao analisarmos a linguagem verbal exposta pelos agressores, percebe-se que ao utilizar a expressão “viadinho de merda” o agressor está tentando insultar a vítima e isso deixa nítida a presença da heteronormatividade compulsória, e a repulsa pela vítima, pelo simples fato desta ser gay e expressar isso em público.

E como se não pudesse piorar, esses atos violentos não acontecem só nas ruas e em locais movimentados, muitas vezes ocorrem dentro do próprio âmbito familiar, independente da faixa etária. Uma forte prova disso aconteceu atualmente, o caso do menino de 3 anos que apanhou do pai por sujar-se de batom, publicado pelo Jornal G1 no dia 09/04/2019, com a seguinte manchete *Criança de 3 anos que brincava com batom é agredida com chineladas pelo pai em Uberaba: de acordo com o relato da irmã dele à polícia, o pai do menino viu a atitude e disse ‘Na minha casa não tem viado’*. Logo abaixo da manchete, o Jornal traz detalhes de como a violência ocorreu.

Um homem, de 41 anos, foi detido na noite de segunda-feira (8), em Uberaba, após agredir o filho, de três anos de idade, com chineladas. A ocorrência foi registrada pela Polícia Militar (PM) como lesão corporal. Conforme informações que constam no registro da PM, a mãe da criança, de 29 anos, contou que é separada e, como de costume, o menino foi passar o fim de semana na casa do pai. A criança foi acompanhada da outra filha dela, de 13 anos. Segundo a mãe, enquanto ela estava no trabalho, a filha mandou por celular uma foto das costas do menino mostrando as marcas causadas pelo pai dele. Ao buscar os filhos na casa do ex-companheiro, a jovem disse a ele que iria chamar a PM. Ao chegar na casa dela, ela recebeu por celular ameaças do ex. De acordo com o relato da adolescente de 13 anos, o irmão dela estava brincando com um batom e sujou o rosto. Nesse momento, segundo ela, o pai dele viu e disse: "Na minha família não tem viado". Em seguida, ele deu chineladas nas costas do menino, causando lesões. Após ser acionada, a PM localizou o suspeito, de 41 anos, na casa dele. Ao ser detido, o homem alegou que não gostou de ver o filho brincando com batom e que por bateu nele com o chinelo, mas sem a intenção de machucar. Ele também disse que tinha consumido bebida alcoólica. O homem foi conduzido à Delegacia de Plantão da Polícia Civil. Segundo a assessoria da Polícia Civil, ele assinou um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO) por maus-tratos, se comprometendo a comparecer à Justiça quando solicitado. Já o menino foi encaminhado ao Hospital da Criança, onde passou por atendimento (CRIANÇA DE 3 ANOS..., online, 2019).

Desse modo, a notícia acima deixa claro que a violência foi realmente praticada por conta da homofobia, pois o pai não aceita a hipótese de que o filho possa seguir uma orientação sexual diferente da heterossexual ou possuir uma identidade de gênero diferente de seu sexo biológico, e essa não aceitação foi exposta de uma forma

assustadora, deixando marcas físicas e emocionais na criança, neste sentido, é possível ter noção até que ponto a homofobia pode prejudicar a vida das vítimas.

Este acontecimento pode ser comparado ao caso do pai do personagem Ennis, que fazia questão de demonstrar ódio aos homossexuais, isso nos mostra que os discursos homofóbicos podem se materializar de diferentes formas, sejam estas físicas, verbais, emocionais e psicológicas. O que tenho tentado deixar claro é que, independente da forma como é praticada a homofobia, ela pode causar danos irreparáveis, fazendo com que a vítima carregue o trauma por toda vida, como aconteceu com o personagem Ennis.

Outro exemplo é o caso recente, noticiado pelo G1, ocorrido na Bahia, onde um homem foi preso após ofender um funcionário de um camarote, exigindo que ele “criasse jeito de homem” e “deixasse de ser viado” (HOMEM É PRESO POR... online, 2023). Esse episódio não apenas demonstra a persistência de discursos de ódio no cotidiano, mas também expõe como essas práticas discriminatórias estão enraizadas em valores socioculturais que legitimam a exclusão e inferiorização de pessoas LGBTQIAPN+. Além de ser um reflexo de preconceitos individuais, o ocorrido evidencia a falha estrutural em erradicar comportamentos homofóbicos, mesmo em um contexto onde a criminalização da homofobia já foi instituída. Assim, casos como este destacam a necessidade de compreender as dinâmicas de poder que sustentam tais atitudes e de promover mudanças efetivas nas esferas educacional, cultural e institucional para enfrentar esse tipo de violência.

Diante de todos esses dados, percebe-se que a luta pelos direitos dos LGBTQIAPN+ ainda está longe de cessar, pois o preconceito continua sendo um dos principais desafios enfrentados por essa comunidade. A insistência em definir identidades de gênero e sexualidade exclusivamente com base no sexo biológico reflete uma visão reducionista que desconsidera os avanços nos estudos interdisciplinares sobre a complexidade das relações humanas, como apontam Silva, Ranniery e Marçal (2021). Essa perspectiva evidencia que a biologia, longe de ser neutra, pode ser interpretada de forma culturalmente condicionada e que fatores sociais, históricos e culturais influenciam a compreensão do corpo e das identidades. Assim, enquanto a sociedade conservadora brasileira mantiver uma abordagem essencialista, que reduz a diversidade humana a dados biológicos, o Brasil continuará sendo um país marcado pela violência e agressões contra pessoas LGBTQI+.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, fez-se uma análise minuciosa da representação da homofobia no conto *O Segredo de Brokeback Mountain*, seguida de levantamentos de dados da realidade brasileira, na qual pessoas do grupo LGBTQIAPN+ são vítimas de atos violentos. Para a construção consistente do trabalho, abordaram-se diferentes aspectos que circulam em torno desse público, desde as teorias que estudam esta área (Teoria Queer), até o modo como a LGBTfobia afeta a vida das pessoas que seguem uma orientação distinta da normativa.

A análise do conto sob o viés da Teoria Queer revelou que os personagens se sentiam constrangidos pelo meio social que os cercavam. Enquanto Ennis Del Mar vivencia a homofobia pelo próprio pai quando criança, Jack também, de alguma forma se reprimia intimamente, e isso fazia com que ambos levassem uma vida de fingimento. Aos poucos Jack Twist vai conseguindo aceitar sua própria sexualidade, porém, Ennis Del Mar não aceita esse sentimento, pois o medo de retaliações sociais o domina por muito tempo. Ao evidenciar sua homoafetividade, Jack é morto de forma violenta. A análise leva à reflexão de que o amor homoafetivo ainda enfrenta duras barreiras para ser vivenciado, como a não aceitação familiar, o desprezo de parte da população, as barreiras psicológicas do medo, e, em seu grau mais intimidador, a violência física que leva à morte.

Tendo em vista tudo o que foi explanado, a análise desta pesquisa nos direciona para perceber que a homofobia resiste na nossa sociedade, se apresentando de diferentes formas de repressão, sejam estas físicas, psicológicas, emocionais, sociais, ideológicas, etc, que afetam diretamente a vida dos sujeitos queer, dificultando sua convivência no âmbito social, o que, conseqüentemente, muitas vezes, os impede de revelar sua própria identidade de gênero ou sexualidade, e os obriga a viver em um mundo de “mentiras”, já que essas formas de repressões os fazem se sentir culpados pelo que são e o que sentem.

Além disso, esta pesquisa nos revela que obras que tratam de temáticas LGBTQIAPN+ podem ser utilizadas como instrumento de denúncia às diversas formas de preconceito, pois, de certo modo, leva os leitores a refletirem sobre violências sociais, no caso deste trabalho, a homofobia. Portanto, essa pesquisa reforça que deixar de falar sobre uma problemática não faz com que a mesma seja banida da sociedade, mas sim, ocultada, o que colabora ainda mais para a permanência desta na sociedade, por este motivo, faz-se necessário utilizar os meios que possuímos para demonstrar resistência e

lutar em favor da desconstrução desses estereótipos que são imputados de forma repressiva à humanidade.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Trad. J.J Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- BÍBLIA. A. T. Levítico. In: *Nova Bíblia de Jerusalém: Antigo Testamento*. Trad. Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1997. p. 144-173.
- BORRILHO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito* [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira] Autêntica. Belo Horizonte. 2010.
- BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. *Parcerias Homossexuais: aspectos jurídicos*. 1. ed. São Paulo: *Revistas dos Tribunais*, 2002, p. 32.
- CRIANÇA DE 3 ANOS QUE BRINCAVA COM BATOM É AGREDIDA PELO PAI EM UBERABA. *GI*, 09 de abr, 2019. Online. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/04/09/crianca-de-3-anos-que-brincava-com-batom-e-agredida-com-chineladas-pelo-pai-em-uberaba.ghtml>> Acesso em 01 de Jun, 2020.
- DINIZ, Debora. O escândalo da homofobia: imagens de vítimas e sobreviventes. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). *Notícias de Homofobia no Brasil*. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 57-85.
- FÁBIO, André Cabette. *A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro*. 2017. Online. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajetoria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>> Acesso em 01 Fev, 2020.
- FONTES, Malu. Das ruas às manchetes: o enquadramento da violência homofóbica. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Org.). *Notícias de Homofobia no Brasil*. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 21-55.
- FOUCAULT, Michel. *História da homossexualidade: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- JAGOSE, Annmarie. *Queer Theory: an introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- JUNQUEIRA, Rogério. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2009.
- HOMEM É PRESO POR HOMOFOBIA NA BAHIA APÓS MANDAR FUNCIONÁRIO DE CAMAROTE CRIAR 'JEITO DE HOMEM' E DEIXAR 'DE SER

VIADO'. *G1*, 22 de fev, 2023. Online. Disponível em <<https://g1.globo.com/ba/bahia/carnavalnabahia/noticia/2023/02/22/homem-e-presos-por-homofobia-na-bahia-apos-mandar-funcionario-de-camarote-criar-jeito-de-homem-e-deixar-de-ser-viado.ghtml>> Acesso em 01 de Jun, 2020.

HOMOFOBIA MATA DO GGB REGISTRA 126 MORTES VIOLENTAS EM 2018. Online. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/04/14/site-homofobia-mata-do-ggb-registra-126-mortes-violentas-em-2018/>> Acesso 01 Jan, 2020.

MEDEIROS, Amanda. *A evolução histórica da intolerância a homossexualidade*. 2015. Online. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-evolucao-historica-da-intolerancia-a-homossexualidade/255042093>> Acesso em 08 de Abr, 2020.

MIRANDA, Olinson Coutinho; GARCIA, Paulo César. *A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria*. 2012. Online. Disponível em <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>> Acesso em 08 Abr, 2020.

MORTES VIOLENTAS DE LGBTQIA+ POR ESTADO. Online. Disponível em <<<https://grupogaydabahia.com.br/mortes-violentas-de-lgbtquiapn+-por-estado>>> Acesso em 20 de nov de 2024.

NORONHA, Eloísa. *Homossexuais foram alvo de atrocidades ao longo da história; veja as piores*. 2017. Online. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/09/04/gays-foram-alvo-de-varias-atrocidades-ao-longo-da-historia.htm>> Acesso em 08 de Abr, 2020.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros. Notícias de homofobia: enquadramento como política. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). *Notícias de Homofobia no Brasil*. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 09-20.

O QUE É O GGB: NOSSA HISTÓRIA. Online. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>> Acesso em 17 de Mar, 2020.

RIOS, Roger Raupp. *Direitos LGBT+ : uma abordagem crítica*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2018.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofski. A epistemologia do armário. *Cadernos pagu* (28), janeiro-junho de 2007, p. 19-54.

SILVA, João Paulo; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. A Teoria Queer e os muros da escola: tessituras entre prática e (des) normalizações. *Revista Textura*, v. 18, nº 38, p. 143-161, Canoas, set./dez, 2016.

SILVA, Juliana; RANNIERY, Thiago; MARÇAL, Jorge Felipe. Transbordamento (zoonótico) ou a diversidade contaminada das ciências. In: SOUZA, Eliane; SANTOS, Claudiene e SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. *Interculturalidade e*

Transdisciplinaridade “O que a biologia tem a ver com isso?”. Navegando Publicações. Minas Gerais, 2001. Disponível em <<
https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/ebook_elenita_compressed_1_>> Acesso em 25 de novembro de 2024.

SOUZA, Ivone Coelho de. *Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações*. Autêntica. Paraná. 2001.

Recebido em junho de 2024.

Aprovado em dezembro de 2024.